



XX ENANCIB

21 a 25 Outubro/2019 – Florianópolis

A Ciência da Informação e a era da Ciência de Dados

ISSN 2177-3688

GT-10 – Informação e Memória

EPISTEMOLOGIAS COMUNITÁRIAS: ARQUIVO E PERFORMATIVIDADES NA ARTE CONTEMPORÂNEA DE AUTORIA NEGRA

COMMUNITY EPISTEMOLOGIES: ARCHIVE AND PERFORMATIVITY IN CONTEMPORARY ART BY BLACK AUTHORSHIP

Janaina Barros Silva Viana – Universidade Federal de Minas Gerais
Maria Aparecida Moura – Universidade Federal de Minas Gerais

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Este artigo apresenta o resultado parcial da pesquisa de pós-doutorado que constitui o arquivo digital *Epistemologias Comunitárias a partir de uma cena artística de autoria negra em Belo Horizonte* pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. O arquivo digital *Epistemologias Comunitárias* integra o Laboratório de Culturas e Humanidades Digitais na Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais onde estas visualidades evidenciam diversas performatividades do saber, implicando na produção de epistemologias em processos repertoriados e arquivais presentes na arte contemporânea. Metodologicamente, estes mapeamentos ocorreram a partir de diferentes formas de registros documentais. Assim como, o contexto de produção onde os processos de aprendizagens e suas redes de interação se cruzam na educação de artistas, as referências visuais e conceituais, o ato experimental em si e os percursos epistemológicos que o antecede. Neste percurso investigativo intersecciona-se o processo criativo (epistemologias), a informação (documento), o arquivo (repertórios) que se desdobram em três eixos de ação: Epistemologias Comunitárias (arquivo digital), os processos de divulgação da pesquisa (seminário) e as práticas poéticas (exposição documental).

Palavras-Chave: Epistemologias, Arquivo Digital, Performatividades, Repertórios, Arte Contemporânea de Autoria Negra.

Abstract: This article presents the partial result of the postdoctoral research that constitutes the digital archive *Community Epistemologies from a black authorship art scene in Belo Horizonte* by the Postgraduate Program in Information Science of the School of Information Science of the Federal University of Minas Gerais. The digital archive *Community Epistemologies* is part of the Laboratory of Digital Cultures and Humanities at the School of Information Science of the Federal University of Minas Gerais, where these visualities highlight various performativities of knowledge, implying the production of epistemologies in repertoire and archival processes present in contemporary art. Methodologically, these mappings occurred from different forms of documentary records. As well as the context of production where the learning processes and their interaction networks intersect in

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

the education of artists, the visual and conceptual references, the experimental act itself and the epistemological pathways that precede it. This investigative path intersects the creative process (epistemologies), the information (document), the archive (repertoires) that unfold in three axes of action: Community Epistemologies (digital archive), the processes of dissemination of research (seminar) and poetic practices (documentary exposition).

Keywords: Epistemologies, Digital Archive, Performativities, Repertoires, Contemporary Art by Black Author.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Epistemologias comunitárias como textualidades da cena¹

No texto *Descolonizar las luchas: la propuesta del feminismocomunitario* da poeta, cantora, compositora e artista visual aymara boliviana Julieta Paredes Carvajal enfatiza a importância de desmitificar a palavra escrita como um ato revolucionário.² Logo, o ato de nomear, conceituar e argumentar sobre, permite a reelaboração de práticas políticas de grupos hegemônicos para que estrategicamente possam descolonizar os corpos, as espiritualidades e as lutas de mulheres, de povos originários, da classe trabalhadora. Isto significaria a luta pela liberdade e pelo *Bem Viver*.³ O termo feminismo decolonial ou pós-colonial traduz um pensamento hegemônico e de colonialidade ocidental que se autorreferencia como uma narrativa universal associada a ideia de progresso, civilização, tecnologia, política, cultura, arte, razão. Então, para a escrita de um feminismo comunitário é fundamental localizar na história os processos de lutas femininas a partir do processo colonial na América por mulheres indígenas desde 1492. O que contradiz uma narrativa hegemônica e universal de luta feminina quando se altera a perspectiva de qual voz está em questão; o termo feminismo/feminista é friccionado a partir de seu campo semântico hegemônico para traduzir na palavra comunitário as relações dialógicas entre comunidades e suas articulações políticas de lutas ao longo de séculos.

¹ Pesquisa de pós-doutorado, bolsa CAPES PNPd 2018-2019, intitulada inicialmente como *Arte contemporânea, saberes tradicionais e epistemologias da informação* pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. Este artigo apresenta o resultado parcial desta pesquisa que compreende o arquivo digital *Epistemologias Comunitárias*. Portanto, os nomes citados de artistas visuais referem-se somente as entrevistas já finalizadas até o momento desta escrita.

² Em sua escrita utiliza o termo *Abya Yala*, ao invés de América, que se refere ao nome dado ao continente americano por povos Kuna de Panamá e Colômbia antes da colonização. Este termo significa “terra em sua plena maturidade” ou “terra de sangue vital”.

³ Este termo, segundo Alberto Acosta, no texto *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos* (2016), faz uma crítica ao conceito de desenvolvimento e as outras palavras correlatas com o mesmo sentido, que cria estratégias intransponíveis de modelos de ascensão econômica. Em consequência, produz-se um abismo social que evidencia o seu mau desenvolvimento. O Bem Viver desvela a *visão de mundo de povos marginalizados pela história, em especial dos povos e nacionalidades indígenas, é uma oportunidade para construir outros tipos de sociedades, sustentadas sobre uma convivência harmoniosa entre os seres humanos consigo mesmos e com a Natureza, a partir do reconhecimento dos diversos valores culturais existentes no planeta. Ou seja, trata-se de bem viver em comunidade e na Natureza.* (ACOSTA, 2011, p.24-25)

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

A escolha de determinadas terminologias, como por exemplo, cosmovisão para referendar o pensamento filosófico de povos indígenas ou mesmo artesanias para produções artísticas definem dentro desta lógica colonial o que se constitui ou não como conhecimento. Neste sentido, feminismo comunitário compreende que o destino de todos os corpos é definido por sua agência nas organizações e comunidades de origem. Ao mesmo tempo, buscando lutar contra as injustiças e violências sistêmicas vivenciadas por homens negros e indígenas, mulheres negras e indígenas, dissidentes de gênero, LGBTQI+.

Não obstante, palavras como *decolonialidade* e *transmodernidade* aparecem constantemente em textos acadêmicos onde intentam dialogar com atores sociais negros e indígenas. Entretanto, escamoteiam implicitamente relações hierárquicas sobre aqueles vistos ainda nestas terminologias como o Outro na produção de conhecimento.⁴ Isto se dá na criação de um novo cânone acadêmico para leituras de determinados autores num fluxo geopolítico do conhecimento entre o sul e o norte global, onde fundamentaria um multiculturalismo teórico, racializado e que exotiza estes corpos. Para Silvia Rivera Cusicanqui, socióloga e professora emérita da Universidad. Mayor de San Andrés em La Paz, Bolívia⁵, em seu texto *Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores* (2010), seria necessário trazer à cena uma economia política do conhecimento como forma de romper com certas estruturas de poder e desmontar as estratégias econômicas e os mecanismos materiais que se encontram ocultos nos discursos sutis de recolonização de imaginários no Sul global. Dialogicamente, no texto *Poética da Relação* do escritor, poeta e romancista Édouard Glissant há a metáfora da barca como abismo para aquilo *que petrifica, na experiência da deportação dos africanos para as Américas, é sem dúvida o desconhecido, enfrentado sem preparação nem desafio.* (GLISSANT, 2011, p.1)⁶ O primeiro abismo seria o exílio distante de sua comunidade tutelar quando se

⁴ No livro *Dicionário da Educação do Campo*, o verbete *Conhecimento*, oriundo do latim *cognoscere*, escrito por Márcio Rolo e Marise Ramos, em suas linhas iniciais o define a partir dos seguintes sentidos: a) uma simples “informação” ou a “ciência” de algo ou de um fato particular (...). b) “discernimento”, “critério”, “distinção” (...). c) “experiência” (...). d) um objeto apropriado pelo pensamento por meio de um processo sistematicamente elaborado no qual os passos pelos quais se chega ao resultado fazem parte de sua estrutura (...). (ROLO; RAMOS, 2012, p.149)

⁵ A autora pesquisa sobre história oral andina e os processos coloniais indígenas em contextos rurais e urbanos.

⁶ É possível ler na íntegra os textos *A barca aberta* e *A errância, o exílio* que pertencem ao livro *Poética da Relação* de Édouard Glissant no seguinte link:

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

adentra o ventre da barca. Esta gesta corpos que pereceram ou, ainda, perecerão. O segundo abismo é o mar. O terceiro abismo é *imagem invertida de tudo o que foi abandonado*. A memória que se esgarçou num fio tênue de lembrança para outras gerações. Para Glissant, a relação compreende conhecimento compartilhado. Entretanto, *o abismo é também projeção e perspectiva do desconhecido*. (Ibid., p. 3) Tanto no exílio, quanto na errância existe a ausência de raiz. O autor referencia Gilles Deleuze e Félix Guattari ao debater o conceito de rizoma como uma noção de rede que é estendida seja pelo ar ou pela terra. Diferentemente, a raiz encontra-se contida em si mesma. Pois, concentra tudo em torno de si e *mata o que está à volta*. A noção de rizoma pressupõe a noção de enraizamento, contudo não é uma raiz totalitária. *A Poética da Relação* compreende que toda identidade é um prolongamento de uma relação com o Outro. Ademais, o exílio fragmenta o entendimento sobre identidade. Portanto, o errante é aquele que recusa o estatuto do universal e as generalizações que implicam nos modelos e, por conseguinte, os processos de hierarquização do Outro.

Nesse âmbito ressalta-se que o debate sobre autoria negra da modernidade para a contemporaneidade, configura-se por meio da atuação dos críticos modernista Mário de Andrade e Roger Bastide como figuras agenciadoras sobre a reflexão acerca das relações formais e conceituais entre cultura e visualidade brasileira. Dessa forma, delinea-se historicamente o conceito de arte afro-brasileira onde estas produções eram nomeadas ainda como arte negra no período dos anos 30 com os Congressos Afro-brasileiros ocorridos respectivamente em Recife (1934) e Salvador (1937). Além das missões de Mário de Andrade, enviadas ao Norte e Nordeste do país como forma de mapear diversas produções culturais e promoveu a discussão de questões referentes à cultura popular dentro de uma erudição na arte brasileira de modo que apresenta estas visualidades numa dialética entre o local e o cosmopolita.

A importância sobre a representatividade de autores negros, em diferentes setores da sociedade, reflete também nos debates contemporâneos sobre raça na produção artística contemporânea como forma de legitimar vozes e de construção política e social por equidade de direitos. Estas visualidades apresentam diferentes caminhos investigativos no campo da pintura, performance, objeto, grafite, escultura, instalação, vídeo, gravura. Outro

**XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC**

aspecto importante para a leitura deste contexto artístico são os diferentes percursos de formação artística e atuação de uma parcela destas autorias no campo da pesquisa, da crítica, da curadoria e/ou da educação.

Este é o percurso conceitual para a constituição do projeto de arquivo digital *Epistemologias Comunitárias* nesta pesquisa documental, onde os agenciamentos a despeito dos debates contemporâneos sobre racialidade na produção artística contemporânea potencializam outras perspectivas de escritas anticoloniais. Este arquivo fundamenta-se a partir de uma série de entrevistas com artistas referenciais para uma cena de arte contemporânea de autoria negra em Belo Horizonte. O arquivo digital *Epistemologias Comunitárias* integra o Laboratório de Culturas e Humanidades Digitais (LabCult) na Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. As entrevistas foram realizadas a partir de noções de redes de aprendizagens e de redes colaborativas de pesquisas poéticas nas seguintes perspectivas: Antônio Sérgio Moreira (MG, 1971), Eustáquio Neves (MG, 1955), Gil Amâncio (MG, 1954), Jorge dos Anjos (MG, 1957), Lídia Lisboa (PR, 1971), Mariana de Matos (Maré de Matos) (MG, 1987), Mauricio Tizumba (MG, 1957), Paulo Nazareth (MG, 1977), Priscila Rezende (MG, 1985), Renata Felinto (SP, 1978), Ricardo Aleixo (MG, 1960), Rodrigo Marques (SP, 1989), Rui Moreira (SP, 1963), Sonia Gomes (MG, 1948), Wagner Leite Viana (Wagni Neí de Neco) (SP, 1981), Warley Desali (MG, 1983).

Metodologicamente, estes mapeamentos ocorreram a partir de diferentes formas de registros documentais (retratos de artistas nos processos de teste de captação de imagem, registros de performances, processos de criação, fotos de ateliês). Na mesma medida, o que evidencia estas diversas performatividades do saber, implicando na produção de epistemologias em processos repertoriados e arquivais presentes na arte contemporânea. Para isso, a leitura destas produções parte de aspectos formais e conceituais que se referem às questões prementes que sistematizam e formalizam uma dada obra. Portanto, intrinsecamente, encontram-se amalgamados ao ato experimental às referências poéticas, os processos de aprendizagem de um artista, as formas de organização de diferentes saberes que delineiam o seu estilema ou sua grafia. Sem deixar de mencionar, as relações extrínsecas a uma poética: as relações estabelecidas entre os seus pares, as redes de aprendizagens que inserem determinadas poéticas num contexto contemporâneo de

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

produção, a circulação e a legitimação de artistas por um sistema mercadológico de arte ou outros meios independentes de inserção.

Outro aspecto importante para a leitura deste contexto artístico, são os diferentes percursos de formação artística e de trajetória profissional no campo da pesquisa, da crítica, da curadoria e/ou da educação. Como é o caso dos artistas Ricardo Aleixo, Gil Amâncio, Antônio Sérgio Moreira, Priscila Rezende, Wagner Leite Viana, Renata Felinto, Eustáquio Neves, Mariana de Matos, Warley Desali.⁷ Nesse âmbito, é importante evidenciar o Festival

⁷ O artista **Ricardo Aleixo** é poeta, músico e performer. Possui uma série de antologias publicadas no Brasil e em outros países. Foi curador do Festival de Arte Negra em 1995, 2003, 2005/2006, 2011/2012 e 2013. O artista multimídia **Gil Amâncio**, atua como músico, professor e preparador corporal, idealizou o Festival de Arte Negra em 1995, considerado um dos eventos mais importantes sobre produção artística de cultura negra fora do continente africano, como parte da programação do tricentenário de Zumbi dos Palmares. Atuou como curador em 1995, 2003, 2005/2006 e 2011/2012. O artista **Antônio Sérgio Moreira** foi curador da exposição coletiva *Deumlugarnomundo*, como também, atuou como Coordenador de Artes Plásticas do evento. Anteriormente, foi Coordenador de Artes Plásticas do 4º Festival de Arte Negra 2007. A performer **Priscila Rezende** é graduada em Artes Visuais, com habilitação em Fotografia e Cerâmica, pela Escola Guignard da Universidade Estadual de Minas Gerais. A sua pesquisa poética configura-se a partir de uma narrativa autobiográfica ampliada na relação intrínseca com os impactos do racismo estrutural e os lugares de inserção de pessoas negras na sociedade brasileira. O artista visual, pesquisador e professor adjunto da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais **Wagner Leite Viana (Wagni Neí de Neco)**, ministra as disciplinas Educação Ambiental e Educação para as Relações étnico-raciais nesta instituição. Estas disciplinas apresentam como interlocução entre si a discussão sobre racismo ambiental, racismo sistêmico, saberes tradicionais e metodologia em arte contemporânea de autoria negra. Na pesquisa de doutorado *Tipotetraetra: sobre arapucas, pesquisa, mukambus ou suporte* defendida pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (2015), Viana reflete sobre as estratégias metodológicas e epistemologias de processo a partir de sua poética (arte gráfica, performance, desenho, pintura). A artista visual, pesquisadora e professora da Universidade Regional do Cariri (URCA) **Renata Felinto** fez parte do conselho editorial da Revista O Menelick 2º Ato, onde a proposta editorial era fazer o debate no campo da crítica a partir do mapeamento de produção de artistas negros. Essa discussão converge também nas relações tensas entre racialidade e mercado de arte na sua pesquisa de doutorado *A construção da identidade afrodescendente por meio das artes visuais contemporâneas: estudos de produções e de poéticas* defendida pelo Instituto de Artes da UNESP em 2016. Já o fotógrafo **Eustáquio Neves** possui um programa de residência artística em se ateliê há alguns anos. Sua formação passou pela música e fez o curso técnico em Química Industrial. Ele entende que a *fotografia veio de uma forma bem libertadora. Pois sentia que tinha uma liberdade muito grande de me mover ali dentro das imagens (...). Eu fotografava pensando como cineasta. Até que quando eu vou fazer vídeo eu descubro que fotografia não tem nada a ver com cinema no fazer e que vídeo também não... Então, essas coisas vieram somando ao meu trabalho. A experiência de uma área e de outra. E, o meu processo de criação é isso: Eu tenho a necessidade de descobrir...* (Trecho de entrevista concedida a Janaina Barros Silva para o contexto da pesquisa no ateliê do artista em Diamantina em 2019) A artista visual e poeta **Mariana de Matos (Maré de Matos)** é graduada em Artes Visuais pela Escola Guignard da Universidade do Estado de Minas. Mestranda em Teoria Literária pela Universidade Federal de Pernambuco. Criou o selo de poesia expandida Bendito Ofício e a organização Mulheres Negras nas Arte (MUNA). Sua pesquisa encontra-se na fusão dos campos da imagem e da palavra onde aborda

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

de Arte Negra (FAN), um espaço histórico de difusão da produção artística plural e negra. Criado pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, o FAN foi idealizado pelo artista interdisciplinar Gil Amâncio em 1995 que atuou como curador em outras edições.

No campo da curadoria, outros nomes importantes podem ser citados neste contexto: Ricardo Aleixo, Antônio Sérgio Moreira, Rui Moreira, Maurício Tizumba.⁸ Assim como, em exposições coletivas ou individuais participaram a artista Sonia Gomes, Paulo Nazareth, Jorge dos Anjos, Lídia Lisboa, Renata Felinto.⁹ A edição do Festival Internacional de

sobre relações de poder, ferida colonial, processos de autoescrita para a elaboração de contranarrativas. E, o artista visual **Warley Desali** é bacharel em fotografia e pintura pela Escola Guignard da Universidade do Estado de Minas. Atualmente, cursa Especialização em Artes Plásticas e Contemporaneidade na mesma instituição. Desenvolve projetos colaborativos com coletivos com ações performáticas, pintura, vídeo, fotografia. Desali transita em sua obra por diferentes linguagens, no qual tensiona as hierarquias referentes às instituições artísticas, a partir de uma narrativa de poder, que tornam assimétricas as interações com os espaços urbanos subalternizados. Temas como colecionismo, espaços de produção artística, formação de artista, educação, curadoria são atravessados por outras agências a partir de um contexto periférico.

⁸ O bailarino, coreógrafo e investigador de culturas **Rui Moreira** tem formação em dança moderna, balé clássico, danças populares brasileiras e dança contemporânea africana. O artista fez parte de importantes companhias de dança no Brasil e na França. Funda em conjunto com os artistas Gil Amâncio e Guda a Cia SeráQuê? (1992), onde o eixo de pesquisa do grupo encontrava-se na ancestralidade negra e suas relações com a contemporaneidade. Foi curador do Festival de Arte Negra de Belo Horizonte nas edições do evento em 2003, 2005/2006, 2007, 2009, 2013. O ator, compositor, cantor, músico, diretor musical e capitão de congado **Maurício Tizumba** dialoga em sua produção artística com diferentes linguagens artísticas interseccionadas com as manifestações e saberes tradicionais da cultura afro-brasileira. É formado pelo Teatro Universitário da Universidade Federal de Minas Gerais. Participou da criação da Cia Burlantins com as atrizes e cantoras Maria Machado e Regina Souza (1996) no qual unia música e teatro em espetáculos de rua. Outra ação é a criação do Espaço Cultural Tambor Mineiro que é um centro de referência de cultura negra mineira com atuação nas linguagens artísticas de dança, música, teatro. E, posteriormente, idealizou a Mostra Benjamin de Oliveira (2013) em que a proposta curatorial apresenta um amplo debate sobre a necessidade de se evidenciar o protagonismo de autorias negras nestes espetáculos. Foi curador do Festival de Arte Negra na edição de 2013.

⁹ A artista visual **Sonia Gomes** desenvolve uma pesquisa no campo do objeto, do desenho e da instalação onde ativa diferentes memórias e saberes tradicionais. Possui trabalhos em mostras coletivas institucionais importantes no Brasil e no Exterior. Participou da 7ª edição do Festival de Arte Negra com a exposição coletiva *Deumlugarnomundo* (2013) no Espaço CentoeQuatro. O artista visual **Paulo Nazareth** possui trabalhos no campo da performance, da instalação e das artes gráficas onde tensiona a sua ancestralidade africana e indígena a partir de uma cartografia de colonialidade. É bacharel em Desenho e Gravura pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (BH). Fez exposições em diferentes instituições nacionais e internacionais. Apresentou trabalhos no 6º Festival de Arte Negra (2012) e no 8º Festival de Arte Negra (2015). O artista **Jorge dos Anjos** apresenta uma produção visual no campo da pintura, da escultura e do desenho. Sua pesquisa visual utiliza materiais como ferro, pedra-sabão, madeira, feltro. A ancestralidade aparece em sua poética pelo ato de evocar nestas materialidades e nos modos manipulá-las determinados saberes e memórias sociais. Suas obras fazem parte de diversas coleções particulares e de importantes museus. O seu trabalho integra o acervo do Museu Afro Brasil. Este foi

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

Teatro Palco e Rua de Belo Horizonte de 2018 (FIT BH 2018)¹⁰ foi também outro espaço pontual de difusão artística. Em sua última edição, o recorte curatorial abarcou um amplo debate étnico-racial por meio de espetáculos, performances, palestras, oficinas e bate-papo. O evento contou com a participação de Priscila Rezende, Ricardo Aleixo, Maurício Tizumba. Soma-se também, no campo da performance a Segunda Preta, em parceria com o Teatro Espanca!, localizado embaixo do Viaduto Santa Teresa na região central de Belo Horizonte, como sendo um lugar que intenta *empretecer um dia da semana com espetáculos de qualidade, significa tocar a raiz da estruturação cultural eurocentrada desta linguagem e promover mudanças significativas na fruição teatral*.¹¹ Na sexta edição foi selecionado o artista visual Wagner Leite Viana em parceria com a artista visual Janaina Barros em 2018. Outros nomes que passaram pela Segunda Preta são os artistas Gil Amâncio, Ricardo Aleixo, Priscila Rezende.

A cidade como lugar de ativação de memória e ancestralidade potencializadas por uma criação artística é vista na obra monumento *Portal da Memória* (2003) de Jorge dos Anjos¹² que dialoga com a escultura *Monumento a Iemanjá* (1982) do artista José Synfronini de Freitas Castro.¹³ Dentro de um cenário de arte contemporânea de projeção internacional os artistas Paulo Nazareth (2013) e Sonia Gomes (2016)¹⁴ participaram da Bienal de Veneza. O artista Paulo Nazareth criou paralelamente o evento *Bienal de Veneza*, uma bienal com a produção de arte postal e outras intervenções (pintura mural e residências artísticas) em

criado pelo artista e curador Emanuel Araújo na cidade de São Paulo em 2004. Participou do 8º Festival de Arte Negra em 2015. Neste contexto de interlocução e circulação artística pode-se mencionar a presença dos artistas Jorge dos Anjos e Ricardo Aleixo na mostra *Instante Infinito* (2017) na Galeria de Arte BDMG Cultural em Belo Horizonte. A artista **Lídia Lisboa** transita numa relação entre memória, ancestralidade e gênero como questões que atravessam o seu processo artístico. Este percurso é formalizado por meio de saberes atrelados à manualidade onde se encontram em sua pesquisa no campo da performance, do objeto e da instalação.

¹⁰ Evento realizado inicialmente na cidade de Belo Horizonte em 1994.

¹¹ Este trecho pode ser localizado no seguinte endereço eletrônico: <http://segundapreta.com/o-que-e/Acesso em: 16/09/2018>.

¹² É importante destacar a representação de artistas negros e sua inserção em espaços de galeria de arte da cidade. Cita-se o artista Jorge dos Anjos que é representado pela AMGaleria em Belo Horizonte (MG).

¹³ Obra inaugurada durante a primeira Festa Estadual em Honra a São Jorge e, compreende o patrimônio cultural Praça de Iemanjá. Está localizada na Avenida Otacílio Negrão de Lima aos arredores da Lagoa da Pampulha.

¹⁴ Sobre a circulação e mercado de arte é possível citar os artistas Paulo Nazareth e Sonia Gomes que são representados pela Galeria Mendes Wood DM em São Paulo (SP). Assim, também, a artista Lídia Lisboa representada pela Galeria Rabieh (SP).

colaboração com vários artistas no bairro Veneza, município de Ribeirão das Neves, região metropolitana de Belo Horizonte. O artista Rodrigo Marques participou de diferentes edições da *Bienal de Veneza* curada por Nazareth.¹⁵

1.2 Performatividades e repertórios como tessituras de uma cena de arte contemporânea negra

No texto *Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência!* (2017), a performer, curadora e pesquisadora *del kuir em contextos sudakas, terceiro-mundistas, transfronteiriços e de mestiçagem estética, ética, visual, linguística, política, étnica, sexual e epistêmica* Jota Mombaça,¹⁶ cirurgicamente, urde a noção de cena a partir dos impactos da colonialidade como formas de gerenciamento de acesso às máquinas, técnicas e/ou dispositivos que performam, legitimam e inscrevem violências aos corpos considerados subalternizados. Em contraposição, *nomear a norma* evidencia os lugares privilegiados de manutenção de poder. O termo cena remete-nos ao espaço de acontecimento, as unidades de ação de um acontecimento a partir de diferentes atores sociais ou um conjunto de circunstâncias que evidenciam um dado contexto. Segundo o *Dicionário SESC – A linguagem da cultura* de Newton Cunha, cena, etimologicamente, do grego *skene*, tratava-se de *uma pequena plataforma coberta, ou barraca, colocada ao lado do espaço de representação e serve como local para troca de máscaras e de roupas.* (CUNHA, 2003, p.130) Ou, ainda:

Parte da caixa de teatro onde as ações se desenvolvem - o espaço cênico, o palco (...).

A menor das divisões de uma ação dramática teatral, delimitada, habitualmente, pela entrada ou saída de personagens.

O próprio cenário.

Acontecimento ou episódio de uma narrativa, envolvendo os seus personagens (...). (Ibid., p. 130)

¹⁵ O artista **Rodrigo Marques** possui uma pesquisa visual no campo do desenho que se expande para a performance, a instalação, a pintura e o objeto. A importância da manualidade aparece nas suas relações com o desenho como constituição de questões (sobre natureza, espaço urbano, saberes aprendidos, memória) atreladas aos impactos de formas de colonialidades sobre corpos negros. Atualmente, Marques faz graduação em Artes Visuais com habilitação em Escultura pela Universidade Federal de Minas Gerais.

¹⁶ De acordo com a apresentação da própria artista, curadora e pesquisadora Jota Mombaça em sua produção escrita.

**XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC**

Neste percurso, a artista apresenta os seguintes questionamentos a partir de uma espécie de *design global* de violências epistêmicas: *O que significa ser violento? Quem tem o poder de sê-lo? Contra que tipos de corpos a violência, pode ser exercida sem prejuízo à normalidade social?* Na mesma medida, de que forma, ela pode ser lucrativa para poucos e mortal para muitos outros corpos?

A partir dessas indagações, torna-se imprescindível para Mombaça a proposição de epistemologias de urgências em confronto às cartografias necropolíticas de terror por meio da *redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência*. Pois, estas epistemologias partem de um projeto de justiça social onde as violências estruturais são performadas e atravessadas por meio de estratégias de autocuidado político. Na mesma medida, elas vislumbram outras possibilidades de escritas para além deste mundo como conhecemos.

Num diálogo próximo, a videoinstalação *WHITE I WRITE*¹⁷ (2016) da artista interdisciplinar Grada Kilomba reflete sobre o sentido de uma escrita anticolonial num estado constante de tensão entre a memória e o esquecimento, o pertencimento e não pertencimento, a legitimidade e ilegitimidade de produção de conhecimento. O ato de escrever indica a importância da experiência e de uma autoridade sobre todo conhecimento produzido continuamente por grupos hegemonzados. Kilomba, assinala que a escrita delimita o seu discurso.

Eu não sou o “Outro”,
mas o eu,
não o objeto,
mas o sujeito.

Eu me torno aquela que relata,
e não a relatada.
Eu me torno a autora
e a autoridade
da minha própria história.

Eu me torno a absoluta oposição
do que o projeto colonial
havia predeterminado.
Eu me torno Eu.

¹⁷ Este trabalho era um estudo inicial para uma videoinstalação em três atos que fez parte do projeto *The Desire Project* e esteve presente no contexto da 32ª Bienal de São Paulo em 2016. É possível assistir a videoinstalação *WHITE I WRITE* integralmente acessando o seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=UKUaOwfmA9w/> Acesso em: 02/07/19.

**XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC**

(KILOMBA, Transcrição de trecho da videoinstalação *WHITE I WRITE*, 2016)¹⁸

No texto *Performances da oralitura: corpo, lugar da memória* (2013) a poeta, dramaturga, pesquisadora e professora Leda Maria Martins reflete sobre a herança dos arquivos textuais e da tradição retórica europeia numa formalização da literatura escrita brasileira. Contudo, mesmo na constituição de discursos fundantes em torno da noção de nacionalidade no período do século XIX os referenciais distanciavam-se completamente das *textualidades de povos africanos e indígenas, os repertórios narrativos e poéticos*, os aspectos referentes às linguagens, as formas de saber e modos distintos de entendimento sobre o mundo. A pesquisa desenvolvida pela autora encontra-se no campo do objeto, da performance e as cena rituais, onde corpo e a voz são entendidos como lugares de inscrição de saberes. Para Martins (2013, p. 66), o corpo em estado de performance não se restringe simbolicamente a um sentido somente de expressão ou representação de uma ação, mas também, como local de inscrição de conhecimento que se *grafa no gesto, no movimento, na coreografia; no solfejos da vocalidade, assim como nos adereços que performativamente o recobrem*. Na mesma medida, esta episteme aparece constante naquilo o que se repete no corpo costumeiramente *como hábito como técnica e procedimento de inscrição, recriação transmissão e revisão da memória do conhecimento, estético, filosófico, físico, científico, tecnológico* presentes nos rituais afro-brasileiros e de matrizes indígenas. Diante da abordagem de Martins, é inevitável não pensar nos reflexos do epistemicídio nos modos de definir o que é legítimo documentar e salvaguardar como narrativas pertinentes. Como também, nas estratégias metodológicas de se evidenciar essas autorias.

Assim, a escrita marca a lacuna e reafirmação da memória num jogo contínuo. O termo grafia em sua polissemia sugere algo movente partindo de sua etimologia do grego *graphen* sendo um dos seus sentidos possíveis a compreensão do corpo visto como potência de alteridades. O termo grafia se aproxima da palavra *ntanga*, oriundo de uma das línguas bantu, referindo-se tanto ao verbo dançar quanto ao verbo escrever. Isto é, palavra grafia nos remete a diferentes maneiras de *inscrição, resguardo, transmissão e transcrição de conhecimento, práticas, procedimentos, ancorados no e pelo corpo, em performance*. (MARTINS, 2013, p.65)

¹⁸ Tradução realizada por uma das autoras.

**XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC**

Dialogicamente em *O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas* (2015), a professora de Estudos da Performance da New York University (NYC) Diana Taylor, apresenta duas questões fundamentais para esta discussão: *Como o comportamento expressivo (a performance) transmite a memória e a identidade cultural?* (TAYLOR, 2015, p. 17) *Seria a performance aquilo que desaparece ou o que persiste, transmitido por meio de um sistema não arquivado (...)?*¹⁹ (Ibid., p.18)

A produção de conhecimento não é apenas individual, mas uma articulação coletiva de interações sociais que desvelam uma série de perspectivas e narrativas distintas. Este é um ponto crucial para a reflexão acerca do lugar multifacetado de uma autoria negra e os seus processos de escritas a partir de uma perspectiva anticolonial ou contracolonial em contraposição a uma narrativa hegemônica nas artes visuais. Inevitavelmente, torna-se necessário localizar práticas corporais que sinalizam relações com as materialidades e produzem performatividades de conhecimento que solicitam diferentes estratégias de leitura de processos criativos para a compreensão de um contexto de diferentes linguagens artísticas e repertórios presentes em cada autoria. Portanto, o repertório representa, segundo Diana Taylor, *a memória incorporada: performance, gestos, oralidade, movimento, cantos, em suma, todos aqueles atos, geralmente vistos como conhecimento efêmero, não reproduzível.* (Ibid., p.49-50)

A performance compreende uma práxis, uma episteme e um modo de formalização de poéticas visuais, onde o arquivo e o repertório traduzem um sistema de aprendizagem, modos de armazenamento e transmissão de conhecimento. Assim, torna-se importante problematizar o que se entende como conhecimento e a partir de qual perspectiva? Soma-se ainda a problematização de Taylor concernente à conservação da memória e a consolidação de identidades nos mais variados grupos sociais.

¹⁹ Diana Taylor denomina este sistema não arquivado de repertório. Numa entrevista concedida à pesquisadora de Performance e Estudos Judaicos Barbara Kirshenblatt-Gimblett, reflete sobre performance e estudos da performance como um campo que torna possível olhar para todas essas coisas *como se constituindo mutuamente, de maneira que não dá para pensar sobre comportamento e práticas corporais sem pensar sobre performances disciplinares – como construímos gênero, como construímos raça, e como somos construídos como corpos – mas ao mesmo tempo há um aspecto verdadeira e maravilhosamente libertador e contestatório, porque podemos performar de maneiras diferentes; a performance refere-se a uma ação, a uma intervenção, a uma quebra estrutural e a uma busca de novas alternativas.* (In: <http://scalar.usc.edu/nehvectors/wips/diana-taylor-portuguese/ acesso> em: 13/09/2018)

**XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC**

Os debates sobre o caráter efêmero da performance são, evidentemente, profundamente políticos. De quem são as memórias, tradições e reivindicações à história que desaparecem se falta à práticas performativas o poder de transmitir o conhecimento vital? (Ibid., p.30)

A necessidade de escrever torna-se fundamentalmente um lugar de encontro de narrativas tornadas pouco visíveis ou distorcidas numa construção hegemônica de história universal. Ademais, entrecruza-se nestas ficções de poder o redimensionamento de uma lógica capitalista neoliberal que acirra assimetrias e hierarquizações na contemporaneidade. Sobretudo, quais estratégias metodológicas tornam-se eficazes para descolonizar e performar o conhecimento? Neste sentido, a Relação entre o Eu e Outro se torna estéril.²⁰ Isto pode ser observado tanto na poesia *Meu negro* quanto na poesia *Branços* presente na antologia poética *Pesado demais para a ventania* (2018) do poeta, músico, artista visual e pesquisador intermídia Ricardo Aleixo nos seguintes trechos respectivamente:

(...) O negro é uma invenção do branco. Supondo-se que aos brancos coube o papel de inventar tudo que existe de bom, eu fui inventado pelos brancos. Que temem e ao mesmo tempo desejam o meu corpo proibido. Que me escarpelariam pelo amor sem futuro que nutrem à minha negrura. Eu nasci negro. Não sou negro todos os momentos do dia. Sou negro apenas quando querem que eu seja negro. Nos momentos em que não sou só negro sou alguém tão sem rumo quanto o mais sem rumo dos brancos. Eu não sou apenas o que você pensa que eu sou. (ALEIXO, 2018, p. 195)

Eles que são brancos e os não são eles que são machos e os não são eles que são cristãos e os que não são eles que são ricos e os que não são eles que são sãos e os que não são todos os que são mas não acham que são como os outros que se entendam que se expliquem que se cuidem (...) (Ibid., p.189)

Portanto, pensar em cena de autoria negra é evidenciar como os processos epistemológicos em produção visual articulam-se nos modos como a trajetória delineia a formação de artistas e como isto reverbera em suas práxis. Neste aspecto, compreende-se tanto visualidades quanto oralidades como potencialidades de escritas. Destacam-se, o contexto de produção onde os processos de aprendizagens e suas redes de interação (os processos colaborativos de trabalhos e os diálogos com outras produções que potencializam os processos de pesquisa individual) se cruzam na educação de artistas; o ato experimental em si e os percursos epistemológicos que o antecede, as referências visuais e conceituais (aproximações com as ciências, saberes tradicionais, a história, a literatura, antropologia).

²⁰ Refere-se à citação do texto Poética da Relação de Édouard Glissant.

Do mesmo modo, como o repertório alimenta a produção de diversas poéticas e linguagens artísticas.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Epistemologias Comunitárias: arquivo digital e territórios performativos.

No artigo *Epistemologia e Ciência da Informação* (2003), o filósofo uruguaio Rafael Capurro, propõe uma genealogia dos processos de investigação epistemológica na ciência da informação partindo do seu conceito clássico. Pode-se definir a ciência da informação, segundo Capurro, como um sistema de *produção, seleção, organização, interpretação, armazenamento, recuperação, disseminação, transformação e uso da informação*. Para além dos principais paradigmas epistemológicos que serviram como referência para ciência da informação (hermenêutica, racionalismo crítico, semiótica, construtivismo, cibernética de segunda ordem e teoria de sistemas), o autor aponta que

em outras ciências assim como em outros contextos, como o cultural e o político, e é claro também em outras épocas e culturas. Essa investigação é uma das tarefas mais amplas e complexas de uma futura ciência da informação unificada, que não seja meramente reducionista, mas que veja as relações análogas, equívocas e unívocas entre diversos conceitos de informação e respectivas teorias e campos de aplicação (Capurro/Hjørland 2003). (Ibidem, 2003, s.n.)

A noção de epistemologia da informação apresentada nesta pesquisa documental desvela-se como uma práxis de diferentes escritas contranarrativas de artistas negras e negros. Neste contexto, na produção escrita *Descolonizando o conhecimento, Uma Palestra-Performance* de Grada Kilomba,²¹ a artista interdisciplinar portuguesa problematiza a performatividade do conhecimento tangentes às noções de reconhecimento, pertencimento e produção epistêmica e evidencia interesses políticos hegemônicos de reprodução de poder que se hierarquiza nas relações raciais e de gênero. Neste sentido, a epistemologia não compreende apenas o modo como o conhecimento se constitui, mas também, sobre o conhecimento de quem será validado. Para isso, Kilomba elenca os seguintes pontos cruciais para a discussão em arte contemporânea acerca de autoria negra, colonialidade e epistemologias não hegemônicas:

²¹ In: <http://www.goethe.de/mmo/priv/15259710-STANDARD.pdf>. Acesso em: 12/07/2019.

**XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC**

1. (os temas) quais temas ou tópicos merecem atenção e quais questões são dignas de serem feitas com o intuito de produzir conhecimento verdadeiro. 2. (os paradigmas) quais narrativas e a partir de qual perspectiva o conhecimento verdadeiro pode ser produzido. 3. (os métodos) e quais maneiras e formatos podem ser usados para a produção de conhecimento confiável e verdadeiro. (KILOMBA, 2016, p.5)

A descolonização do conhecimento seria possível a partir da compreensão que todas as narrativas partem de temporalidades, realidades e histórias específicas, como também, expressam um discurso de poder e uma determinada perspectiva que produz apagamento de outras subjetividades. Estas escritas constituem-se tanto como memória social, identidade, arte quanto território político. Neste contexto, torna-se imprescindível compreender os meandros do ato de conhecer que o interliga a uma prática artística, pois não diz somente a uma ideia de personalidade, mas também, uma vida comunitária que pode fundar uma teoria do conhecimento.

Para o entendimento desta cena artística contemporânea e suas diferentes performatividades do saber destaca-se a importância de se refletir sobre *o valor e os limites do próprio conhecimento, a fim de extrair sua natureza, seu mecanismo geral e seu alcance*. (JAPIASSU, 1986, p.30) Logo, o que se propõe neste percurso de investigação é uma leitura que intersecciona o processo criativo (epistemologias), a informação (documento), o arquivo (repertórios) que se desdobram em três eixos de ação: Epistemologias Comunitárias (arquivo digital), os processos de divulgação da pesquisa (seminário) e as práticas poéticas (exposição documental).

2.1.1 Arquivo digital Epistemologias Comunitárias:

O arquivo digital *Epistemologias Comunitárias* é um site responsivo que pertence ao Laboratório de Culturas e Humanidades Digitais (LabCult) da Escola da Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. O principal objetivo deste arquivo é a fomentação e difusão de espaços de discussão sobre epistemologia em arte contemporânea para artistas, estudantes de graduação e pós-graduação, educadores, educadoras, pesquisadores, pesquisadoras e demais interessados. O arquivo digital compreende uma série de entrevistas em vídeo com artistas de diferentes gerações, formações artísticas e atuações profissionais diversas. São artistas que residem, residiram ou circularam pela cena artística belorizontina.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

Nesse contexto, o conceito de retrato torna-se importante para refletir acerca de um território performativo onde em cada página apresenta-se uma autoria destacando o seu percurso de formação artística, quais questões que instigam a sua pesquisa artística, as referências poéticas que sistematizam e formalizam a sua poética. Na página de cada artista há a transcrição parcial da entrevista como uma espécie de preâmbulo dos seguintes *Territórios Performativos: O lugar da poética* (Os registros realizados durante a entrevista de espaços de produção, obras, performances, ou mesmo imagens cedidas pelos artistas), *O lugar da autoria* (os registros audiovisuais das entrevistas encontram-se numa versão síntese (Retrato 1) e expandida (Retrato 2) a despeito do debate sobre epistemologias em arte contemporânea) e *Outros Territórios* (direcionamento para sites pessoais, canais de vídeo, sites de galeria onde o artista é representado, sites acadêmicos com produção de teses, dissertações, artigo).

O ponto de partida para cada entrevista foram as seguintes questões: Como você gostaria de se apresentar para diferentes públicos que possam acessar a sua entrevista? Como você considera os processos de aprendizagens que se cruzam na sua educação como artista? Quais questões o instigam a produzir a sua pesquisa poética? Quais referências poéticas que dinamizam o seu processo de trabalho? Isto não se restringe somente aos artistas que considerem importantes, ou aqueles denominados como artesãos numa lógica hegemônica de arte; mas também, diferentes saberes em diálogo com as ciências, a história, as outras linguagens artísticas, as culturas tradicionais.

2.2.2 Processos de divulgação da Pesquisa:

O seminário *Epistemologia de artista e arquivo: contranarrativas na arte contemporânea de autoria negra* teve como interesse a discussão sobre os modos de performatividades do saber e suas epistemologias refletidas nas condutas estéticas e éticas (processo criativo), na informação (documento) e na constituição de arquivo (repertórios). A atividade foi organizada em torno dos seguintes eixos conceituais:

- *Epistemologia de artista e arquivo: Memória social, patrimônio e produção do conhecimento.*
- *Epistemologia de artista e arquivo: Prática educativa como performatividades e formação de arquivo em arte contemporânea.*
- *Práticas poéticas, epistemologias da informação e arquivo: pesquisas em andamento.*

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

- *Epistemologia de artista e arquivo: performances, performatividades e repertórios.*

De modo concomitante, o projeto de exposição *Epistemologias comunitárias: arte contemporânea de autoria negra* no Centro Cultural da UFMG com a curadoria de Janaina Barros, Maria Aparecida Moura e Wagner Leite Viana apresenta uma produção documental a partir de entrevistas com os seguintes artistas: Antônio Sérgio Moreira, Eustáquio Neves, Gil Amâncio, Jorge dos Anjos, Lídia Lisboa, Mariana de Matos (Maré de Matos), Mauricio Tizumba, Paulo Nazareth, Priscila Rezende, Renata Felinto, Ricardo Aleixo, Rodrigo Marques, Rui Moreira, Sonia Gomes, Wagner Leite Viana (Wagni Neí de Neco), Warley Desali. A proposta de exposição foi constituída por registros de caráter documental (retratos, ateliês, frames de performances, processos de criação, lugares que constituem memórias, repertórios) e outros modos de mapeamentos de espaços de produção e performatividades de conhecimento. A exposição encontra-se estruturada nos seguintes eixos temáticos:

- *Autoria, metodologia e epistemologia em arte contemporânea:* vídeo síntese em *looping* com os artistas entrevistados abordando sobre a noção de epistemologia e metodologia em seus percursos de pesquisa visual. Vídeo com registros de performances.

- *Arquivo digital:* acesso ambiente digital *Epistemologias Comunitárias* vinculado ao Laboratório de Culturas e Humanidades Digitais (LabCult ECI UFMG). Compõem o acervo registros fotográficos de obras, espaços de produção, exposição. Transcrição de entrevistas. Levantamento documental a partir de materiais cedidos pelos artistas. Material audiovisual. Diretório para blog e sites institucionais.

- *Espaços de produção e percursos de criação:* mapeamentos de referências e repertórios.

- *Epistemologia da informação:* noção de cena na arte contemporânea de autoria negra a partir da leitura de um percurso bibliográfico referencial sobre a temática. Para isso, tem-se a seleção de uma série de materiais referenciais para a reflexão deste contexto artístico. Estas produções bibliográficas integram o projeto de extensão e formação de acervo criado pelo professor Wagner Leite Viana na Biblioteca da Escola de Belas Artes da UFMG. Constam em torno de 70 publicações referenciais entre catálogos, livros e revistas.

2.2.3 Práticas Poéticas, Epistemologia da informação e Arquivo: arte contemporânea brasileira de autoria negra:

Esse tópico foi dedicado à formação humana na pós-graduação em Ciência da Informação. Trata-se de disciplina ministrada no PPGCI/UFMG em parceria com o artista visual, pesquisador e professor adjunto da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais Wagner Leite Viana. Na disciplina, abordou-se o conceito de arte afro-brasileira friccionado ao conceito de arte contemporânea com foco nos lugares sociais e políticos de produção do conhecimento.

Nesse âmbito, a definição de performance, performatividade e repertório potencializou a compreensão de textualidades de matrizes africanas e indígenas na arte brasileira contemporânea sendo um ponto de partida para a reflexão a despeito da constituição de arquivos em arte contemporânea de autoria negra.

A disciplina privilegiou a dimensão da teoria como um lugar de construções de estratégias, de aprendizados e perspectivas metodológicas não hegemônicas em artes visuais, além da urgência de novas escritas a partir de referências de práticas pedagógicas críticas e anticoloniais.

Os debates ao longo da disciplina em torno de redes colaborativas de trabalho em arte contemporânea constituíram-se na elaboração de uma *cartografia de epistemologias de urgências*. Os conceitos norteadores desta cartografia perpassaram pelas noções de arquivo, epistemologia da informação, tecnologias assistivas, performance, performatividades, repertórios.²²

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar numa cena de arte contemporânea de autoria negra reflete numa série de estratégias de leitura metodológica de um contexto de produção e suas redes colaborativas de trabalho. Algumas questões são cruciais para a compreensão do que é pesquisa,

²² Participaram desta cartografia os seguintes pesquisadores, além de suas respectivas pesquisas: Alejandro de Campos Pinheiro (*Tecnologias assistivas em bibliotecas universitárias para pessoas com deficiências visuais: acessibilidade, acesso e informação*), Flávia de Melo Lacerda (*A gestão por processos como um meio facilitador à aplicação da gestão de documentos e possíveis relações com a arquivística funcional pós-moderna*), Fábio Lopes de Andrade (*Um repositório arquivístico digital confiável para o Instituto Brasileiro de Museus*), Carlos Antônio Fernandes (*Adão Ventura: epistemologia arquivística e literária como suporte para análise de um autor negro*), Fabiana Batista de Almeida (*O aprendizado informal na produção de artistas afro-brasileiros em Belo Horizonte*).

**XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC**

formação e difusão de arquivo em arte contemporânea: O que é uma cena? O que constitui uma cena? O que define a relevância de uma produção artística? Quais tipos de discussões formais e conceituais têm sido realizadas por diferentes atores sociais? Em quais lugares? Por quem? O que definiria um artista negro e/ou uma artista negra? Quais questões perpassam pelo processo criativo de um artista? Como ocorrem os processos de aprendizagens para a formulação de epistemologias em arte contemporânea? Quais reflexões artistas negros têm produzido neste momento? Dessa forma, estas questões sinalizam a complexidade de leitura acerca de uma produção plural e de caminhos investigativos múltiplos. O termo Epistemologias Comunitárias que nomeia o arquivo digital homônimo potencializa os lugares de fricções numa escrita anticolonial de História da Arte.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

ALEIXO, Ricardo. **Pesado demais para a ventania**. São Paulo: Editora Todavia, 2018.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivo: estudos e reflexões**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

CAPURRO, R. **Epistemologia e Ciência da Informação**. [S.l.: s.n.], 2003. Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 18/09/ 2018.

CARVAJAL, Julieta Paredes. Descolonizar las luchas: la propuesta del feminismo comunitario **Revista Mandrágora**. São Paulo. v. 24, n. 2, 2018.

CUNHA, Newton. **Dicionário SESC – A linguagem da cultura**. São Paulo: Edições SESC, 2003.

GLISSANT, Édouard. **Poética da Relação**. Sextante Editora, 2011. Disponível em: <http://artafrica.lettras.ulisboa.pt/uploads/docs/2016/04/11/570bc0a278725.pdf/>. Acesso em: 25/06/2019.

KILOMBA, Grada. **Descolonizando o conhecimento, Uma Palestra- Performance de Grada Kilomba**. Disponível em: In: <http://www.goethe.de/mmo/priv/15259710-STANDARD.pdf>. Acesso em: 16/09/2018.

MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**, [S.l.], n. 26, p. 63-81, nov. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881/7308>. Acesso em: 04 jul. 2019.

**XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC**

MOMBAÇA, Jota. **Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência.** São Paulo: Fundação Bienal (32a. Bienal de São Paulo – Incerteza Viva), 2017.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores.** Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

VIANA, Janaina Barros Silva. **A invisível luz que projeta a sombra do agora: gênero, artefato e epistemologias na arte contemporânea brasileira de autoria negra.** Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo, 2018.